

PASTORAL DA JUVENTUDE

Susana M. Rocca L.¹

Introdução

O objetivo geral deste artigo é refletir as implicações, as contribuições, as perspectivas e os desafios que trazem a resiliência para o trabalho da Pastoral da Juventude. Procuramos interrogar-nos como, dentro dessa opção pastoral, o processo de fé, a vivência comunitária, a assessoria e a espiritualidade, propiciam alternativas para desenvolver as capacidades resilientes dos jovens, isto é, de superação das situações pessoais e sociais adversas ou traumáticas.

Por isso, tentaremos pensar a evangelização da juventude à luz da ótica da resiliência, a fim de oferecer uma reflexão que possa contribuir com os ambientes de formação e missão, especialmente com a Pastoral da Juventude, tal como é entendida na Igreja Católica, no contexto latino-americano, e especialmente no Brasil.

“A juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social”². Por isso, considerando o contexto de pobreza extrema e de exclusão social de uma grande parte dos nossos países, entre outros tantos sofrimentos e adversidades, e que afetam de forma séria à juventude, pergunta-se em que sentido a resiliência está sendo ou pode ser ainda mais promovida pessoal e comunitariamente por meio do trabalho de formação e evangelização da Pastoral da Juventude? Que desafios, questionamentos, implicações e contribuições, os estudos de resiliência trazem para a Pastoral da Juventude? Como empoderar o jovem que sofre adversidades que o atingem pessoalmente e outros males sociais para que possa enfrentar e trabalhar para a superação dos problemas e desafios de modo construtivo? A Pastoral da Juventude, assim como ela é conhecida em suas sistematizações, estaria preocupada com essa questão?

Como afirma José Tavares, é desafio das instituições e organizações de formação, diante das duras situações pelas quais passam os jovens, os grupos

¹ Mestranda em Teologia Prática e especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela EST; graduada em Psicologia pela Universidad Católica del Uruguay. Dedicada-se ao trabalho pastoral há 25 anos; coordena o Serviço de Atendimento Espiritual presencial e on-line no Instituto Humanitas Unisinos; e faz pesquisa sobre resiliência e espiritualidade.

² CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. 44ª Assembléia Geral. *Evangelização da juventude*. Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006. p. 16.

submetidos a altos riscos, alto nível de desestruturação e estresse, promover atividades e experiências que ajudem a enfrentar as duras situações do dia-a-dia³.

Precisamos detectar tanto os fatores de proteção que podem ser oferecidos na comunidade eclesial quanto os recursos de personalidade e de fé de cada jovem e grupo, para melhor contribuir na superação das adversidades. Por isso, analisaremos o protagonismo juvenil e algumas opções pedagógico-teológicas da Pastoral de Juventude: o grupo, a formação integral, as diversas juventudes, e a organização, à luz da definição e das características principais do conceito de resiliência. Estudaremos o papel da assessoria, perguntando-nos em que sentido os assessores da Pastoral da Juventude poderiam ser considerados promotores de resiliência pessoal e comunitária. Abordaremos aspectos mais relativos à dimensão de fé, ao enfoque e vivência da espiritualidade na juventude atual, ao compromisso social, o sentido da adversidade e o lugar do projeto de vida, sob a perspectiva da resiliência.

1 Resiliência e opções pedagógico-teológicas da pastoral da juventude

As opções pedagógico-teológicas assumidas pela Pastoral da Juventude Latino-americana são cinco: o grupo, a formação integral, as diferentes juventudes, a organização e a assessoria. Descreveremos alguns aspectos significativos das quatro primeiras opções mencionadas, e analisaremos em que sentido podem favorecer a promoção da resiliência, ajudando a criar um estofo de resistência, de assimilação. Por considerar a assessoria um elemento especialmente significativo nesta discussão, ela será abordada em um capítulo separado.

1.1 Princípio norteador: o protagonismo juvenil

Assim como para o enfoque de resiliência é fundamental propiciar o empoderamento, isto é, a autonomia do sujeito, a Pastoral de Juventude Católica Latino-americana tem um princípio norteador, o chamado protagonismo juvenil. Hilário Dick, especialista em Pastoral de Juventude, afirma que o jovem precisa ser “sujeito de sua

³ TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In. TAVARES, José (org.). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 43.

história”⁴, é chamado a viver a teologia do Êxodo, “a teologia da saída de si para abrir-se às relações, sem perder a identidade”⁵. É necessário que o jovem possa crescer na sua autonomia, na sua independência, aprendendo “a ser livre, mesmo errando” [pois] “deseja e precisa ser ele mesmo”⁶.

O médico francês Pierre-André Michaud⁷, dedicado ao trabalho com adolescentes com doenças crônicas, acredita no valor do empoderamento ainda que o jovem esteja passando por uma situação de enfermidade grave, pois ele é o “dono” da sua saúde e da sua doença, não o médico. Os profissionais da saúde são instrumentos, ajudas, mediações para que a pessoa escolha, assuma atitudes, posicionamentos. O efeito dos ensinamentos, conselhos, técnicas, e até das terapias e dos remédios, varia quando a pessoa os assume como próprios. É importante favorecer o protagonismo do jovem, que ele seja autor, ativo diante das situações pessoais e sociais. Que não assuma uma postura de espectador, passivo, “paciente” como se fala na gíria médica e psicológica. Na mesma linha, a CNBB aspira a que os jovens da Pastoral da Juventude sejam “reconhecidos como sujeitos e protagonistas, [e que] “contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização dos outros jovens”⁸.

A proposta da Pastoral da Juventude pretende não formar jovens dependentes, indefesos, frágeis. Isso não quer dizer marginalizar àqueles que são menos fortes, que têm mais dificuldade de agir e de superar as dificuldades pessoais e as adversidades do coletivo. Por isso, é preciso cuidar para não cair na exclusão dos menos ousados, dos mais fracos, dos menos resilientes.

1.2 O grupo: aceitação incondicional, identidade, auto-estima, pertença, apoio social

Esta noção leva a pensar a importância do papel do grupo de pastoral e da organização, isto é, da articulação e do trabalho conjunto por causas comuns, que opera também como rede de apoio social.

⁴ DICK, Hilário. *O divino no jovem*. Elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude / Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude 2006 b, p. 32.

⁵ DICK, 2006 b, p. 34.

⁶ DICK, 2006 b, p. 32.

⁷ MICHAUD, Pierre-André. El adolescente y el médico: para una clínica de la resiliencia. In: MANCIAUX, 2003, p. 82.

⁸ CNBB, 2006, p. 8.

Pensar em Pastoral da Juventude é pensar na criação de grupos. A vivência grupal é uma necessidade fundamental na juventude. Bem levado é um lugar de contenção e proteção, de descobrimento de si e dos outros, de descoberta e assunção da identidade e da auto-estima. O jovem precisa sentir que é aceito pelos outros. Um dos fatores mais importantes de proteção para a superação das dificuldades é sentir-se aceito incondicionalmente por uma ou mais pessoas. No grupo, o jovem forja a sua personalidade, conquista e define a sua identidade, descobre seus pares e parceiros. O grupo pode ser o lugar de contenção, de partilha de valores, sentimentos e ideais. O grupo pode oferecer um espaço privilegiado de reconhecimento pessoal, de aceitação e de apoio social.

Quase sempre a resiliência está associada a uma boa auto-estima, sendo a aceitação de si uma das poucas condições quase indispensáveis para a resiliência. Por sua vez, “a convivência com o sentimento de desvalorização pessoal parece ser um dos poucos eventos adversos que por si só tem capacidade de afetar o potencial de superação de problemas”⁹. O filósofo e teólogo protestante Eric Fuchs¹⁰, considerando a importância de sentir-se aceito e reconhecido pelos outros, afirma que a resiliência é um sinal da “importância estruturadora da confiança”, pois “a auto-estima se baseia na estima que o próximo lhe demonstre”¹¹. Nos grupos da pastoral, criam-se esses vínculos de confiança e são espaços propícios onde “nascem e se desenvolvem amizades, as pessoas aprendem a dialogar francamente, a resolver seus conflitos, a perdoar-se mutuamente, a cuidar-se fraternalmente e a olhar a vida com otimismo”¹².

Como observa a Conferência Episcopal Latino-americana - CELAM, os jovens se relacionam e “se comprometem mutuamente, aceitam-se como são, ajudam-se na superação dos problemas e vão criando uma linguagem, um conjunto de ‘regras’ e objetivos comuns que lhes dão um sentido de pertença e identidade grupal”¹³. O grupo motiva esse sentimento de pertença. Este sentimento é considerado por Suárez Ojeda como um dos pilares da resiliência comunitária¹⁴. O jovem, aos poucos, vai sentindo

⁹ ASSIS, 2006, p. 49.

¹⁰ FUCHS, Erich é catedrático emérito da Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Genebra, Suíça.

¹¹ [...] *importancia estructuradora de la confianza* [...] *la autoestima se basa e la estima que el prójimo te muestre*. FUCHS. In: MANCIAUX, 2003, p. 286.

¹² CELAM, *Civilização do amor: tarefa e esperança*. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana. São Paulo: Paulinas 1997, p. 195.

¹³ CELAM, 1997, p. 195.

¹⁴ SUÁREZ OJEDA, 2006. Conferência ministrada no Instituto Humanitas Unisinos (São Leopoldo - RS), 18-10-06, não-publicada.

orgulho de fazer parte do grupo, contribuindo também na sua auto-estima. O CELAM afirma que os grupos:

[...] facilitam a criação de laços profundos de fraternidade em que cada um é reconhecido como pessoa e valorizado como tal; permitem partilhar critérios, valores, visões e pontos de vista; compreender o sentido das experiências da vida e elaborar a própria identidade geracional; [e] ajudam a enfrentar os desafios dessa etapa da vida¹⁵.

Constata-se que aqueles que são mais sociáveis e que conseguem estabelecer diferentes relações formais e informais de apoio com outros, estão em melhores condições para encontrar ajuda, pois, pela sua simpatia e comunicação natural, mais facilmente conseguem apoio social. Mas a vivência de grupo, também pode ser de ajuda para os mais retraídos e que precisam de mais tempo e confiança para colocar seus pontos de vista e dificuldades.

Outro fator de proteção que contribui na promoção da resiliência é o aprendizado das diferenças e dos limites. O grupo que vai amadurecendo também promove o controle sadio dos impulsos, da aceitação dos erros, do perdão e da tolerância das frustrações, isto é, a introjeção de normas de conduta tanto para um convívio social normal como para possibilitar um crescimento pessoal e grupal. Este aprendizado deve ser promovido na à assunção de responsabilidades e no estabelecimento de expectativas suficientemente elevadas, claras e compatíveis com o ciclo vital e as possibilidades de cada jovem e grupo.

1.3 Humor

Os documentos de estudo sobre Pastoral da Juventude não abordam especificamente o tema do senso do humor, mas poderia ser um ponto a analisar. Contudo, a animação, a expressão musical, artística, criativa, especialmente festiva e celebrativa, faz parte da vida de todo grupo de jovens da Pastoral. Cabe perguntar-se se o clima propício para favorecer o humor no grupo juvenil, não estaria sendo, de alguma maneira, favorecido pela aceitação compreensiva das limitações, assim como pela visão positiva da vida e pela vivência de uma espiritualidade alegre, festiva, por meio da celebração da vida, dos passos, das conquistas, da amizade, das festas litúrgicas, da fé na comunidade.

¹⁵ CELAM, 1997, p. 194.

Dick alerta sobre os perigos de que a festa seja uma “antifesta”, quando, por exemplo, é uma manifestação interesseira de poder, de ostentação ou de vazio ou outras; quando a festa não se faz por gratuidade¹⁶. O espírito criativo e celebrativo também transparece no cuidado pela estética do lugar onde acontece a reunião de grupo, o evento organizado ou o rito, na escolha da ambientação, das músicas, dos símbolos e pelo capricho na preparação.

1.4 A formação integral

A Pastoral de Juventude assume, com especial dedicação, a formação dos grupos e das pessoas. Para favorecer processos integrais, a formação contempla cinco dimensões: psico-afetiva, social e cultural, política, mística ou teologal e técnica ou metodológica. Essa opção pedagógico-teologal considera que “formar é gerar nos jovens e nos grupos novas atitudes de vida e novas capacidade que lhes permitam ser, clarificar seus projetos de vida, viver em comunidade e intervir eficazmente para a transformação da realidade”¹⁷.

O crescimento formativo dos jovens vai acontecendo mediante uma metodologia específica de análise da vida e da sociedade. O método da formação integral se expressa por meio do “ver”, “julgar”, “agir”, “revisar”, e “celebrar”¹⁸ e fomenta a criação da consciência histórico-crítica, pelo aprendizado de uma leitura funcionalista ou dialética da realidade.

Tal como é entendida pelo CELAM, a pedagogia pastoral no trabalho com a juventude precisa ser experiencial; transformadora e libertadora; comunitária; coerente e testemunhal; participativa; personalizante e personalizada; e integral¹⁹. A diferença do jovem dos anos 1970 e 1980, muito sensível às ideologias e aos ideais coletivos, o jovem pós-moderno é mais sensível às experiências pessoais e como grupo. A Pastoral da Juventude tem uma proposta integral e propõe experiência, reflexão e ação, oferecendo “a possibilidade de realizar uma ação refletida e de ter uma reflexão comprometida”²⁰. A formação do jovem tal como é descrita pelo CELAM pode

¹⁶ DICK, 2006 b, p. 48.

¹⁷ CELAM, 1997, p. 201.

¹⁸ CELAM, 1997, p. 296-311.

¹⁹ CELAM, 1997, p. 188-92.

²⁰ CELAM, 1997, p. 202

coincidir com as observações que favorecem a promoção da resiliência. No grupo da pastoral. o jovem

[...] desenvolve um processo de conhecimento de si mesmo, de suas aptidões e qualidades e de seus sentimentos e interesses em relação aos demais. É um processo de autocrítica, de conversão e de superação de suas crises e conflitos; um processo de descoberta de sua dignidade pessoal, de crescimento de sua auto-estima e da abertura para sentir-se amado e capaz de amar²¹.

A Pastoral Latino-americana oferece uma proposta de vida na base de uma espiritualidade libertadora, que favorece o crescimento e o amadurecimento humano-espiritual, tanto intelectual como emocional, assim como no desenvolvimento dos talentos e capacidades dos jovens. Promove a auto-estima e os vínculos. Por meio dos aspectos da formação chamada personalização, se favorece um conhecimento de si, atendendo à dimensão psico-afetiva, que inclui o autoconhecimento, a autocrítica, a autovalorização, e a auto-realização²².

A formação incentiva o protagonismo juvenil e não incentiva nem o formalismo de cumprimento da lei pela lei em si, nem uma ascese demasiado exigente que possa se misturar com tendências masoquistas. Mas para que a formação fortaleça o jovem para a superação das adversidades, é preciso propor certas normas, regras, e leis. Para que elas ajudem no crescimento, deverão ter certa flexibilidade em determinadas circunstâncias, e não serem rígidas ao ponto de afogar os questionamentos, a visão crítica, a originalidade ou a criatividade. O dogmatismo, o sectarismo, o fanatismo e o integrista²³ são contrários à resiliência, por isso, o jovem precisa ser capaz de se deixar questionar, aprender escutando outros pontos de vista, crescer na capacidade de tolerância e abertura ao diferente, ao mesmo tempo sabendo ter suas convicções, certezas, posturas ante as pessoas, as situações e a vida.

Outro aspecto da flexibilidade do grupo pode notar-se no clima de respeito e familiaridade, na capacidade de demonstrar seriedade e sorriso, de exteriorizar um choro diante de uma situação comovente como no clima de alegria pelo convívio, assim como também na espontaneidade em uma dedicada preparação da reunião de grupo por parte dos responsáveis. O oposto é uma comunidade ou um grupo que condena pessoas e não atitudes, que não recebe o pecador arrependido, que não acolhe o novo ou o diferente, quando o grupo é intransigente ou não vive o espírito de celebração, de

²¹ CELAM, 1997, p. 204.

²² TEIXEIRA, Carmen Lúcia (org.). *Passos na travessia da fé*. Metodologia e mística na formação integral da Juventude. Goiânia, CAJU, 2000, p. 26.

²³ TOMKIEWICZ, Stanislaw. El buen uso de la resiliencia: cuando la resiliencia sustituye a la fatalidad. In: MANCIAUX, 2003, p. 299.

alegria ou, então, quando não há lugar para a fragilidade, o choro, a raiva, ou a originalidade. Um grupo que aceita tudo acaba provocando insegurança se não coloca limites e é conivente com situações negativas. Para Suárez Ojeda, a corrupção opera como um “antipilar da resiliência comunitária”²⁴.

Finalmente, para que os grupos da Pastoral da Juventude promovam a resiliência dos jovens precisam fomentar uma visão otimista, realista e com esperança das pessoas, da igreja e do mundo. O jovem necessita sonhar, ter utopias, ideais elevados e possíveis, mesmo que para alcançá-los não seja fácil e precise pensar e lutar para consegui-los. Uma visão otimista acredita nas mudanças, na superação das dificuldades, acredita que é possível construir uma sociedade melhor, que é possível se sobrepor diante dos problemas e adversidades pessoais ou coletivas, encoraja a juventude.

Uma forma de fomentar uma visão realista e com esperança é promover a descoberta do que é bom, dos talentos e das fortalezas, olhando não só o que não funciona, mas também para a metade do copo que está preenchida. Um risco de alguns grupos hiper-críticos é que acabam não valorizando os progressos e ficando debilitados, com sentimentos de raiva ou de impotência, sem saber apoiar-se no positivo para sair adiante. Em síntese, a perspectiva de interpretação dos fatos, precisa ser crítica, realista e positiva, nem ingênua, nem hiper-crítica negativa, mas sim aberta à esperança.

1.5 As diversas juventudes da Pastoral da Juventude do Brasil e a organização

A Pastoral da Juventude resgata a importância de agrupar jovens que têm desafios específicos e comuns entre si. Isso também ajuda à resiliência, pois uma forma de promovê-la é motivar os jovens a formar grupo com outros que vivem preocupações pessoais e sociais semelhantes. Para superar as adversidades, é importante não se isolar, compartilhar as inquietações e aprender a pedir ajuda²⁵. O grupo de pastoral é um lugar de aprendizado, de debate, de confronto, de conscientização e compromisso com o mundo, de engajamento com outras pessoas e “causas”, sejam de evangelização, sociais, cidadãs, políticas, neste caso que atingem mais de perto um determinado grupo de jovens que assume um trabalho diferenciado, conforme as realidades que vive. Podem

²⁴ SUÁREZ OJEDA, Elbio Nestor. Conferência proferida no V Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral, na EST, 19-10-06.

²⁵ MELILLO. In: MELILLO et al., 2004, p. 75.

ser, por exemplo, grupos das comunidades paroquiais em geral, cuja identidade está no comunitário, bíblico e litúrgico; grupos de estudantes; grupos de universitários; grupos da realidade rural; ou jovens trabalhadores do meio popular, que se reúnem a fim de discutir a sua própria realidade²⁶.

Esse respeito pelas diferentes juventudes favorece ainda mais o compromisso do jovem com a sua realidade. Como afirma Dick, há uma marcada sensibilidade na juventude pela solidariedade, pois “tudo que é desigualdade, opressão, injustiça e exploração grita alto na vibratibilidade do jovem. [...] As causas comunitárias ecoam no coração do jovem”²⁷. Por isso, assim como a pastoral assume a reafirmação dos valores que propiciam a construção da civilização, também questiona e organiza-se para lutar contra alguns antivalores específicos, em especial, o individualismo, o consumismo, a absolutização do prazer, a intolerância, a injustiça, a discriminação e a marginalização, a corrupção e a violência²⁸.

O jovem precisa da vida grupal, pois ela opera como rede de apoio, permitindo-lhe pensar com outros a sua vida, a vida da sociedade, a vida política. A necessidade da organização surge como consequência desse convívio comunitário na busca de respostas aos desafios pessoais e mundiais. A organização leva o jovem a exercer o empoderamento, “a assumir responsabilidades, planejamentos, pedagogias, relacionamentos; isto é, a ele abraçar a sua identidade de protagonista”²⁹. Dessa maneira, perfila mais a sua identidade e a sua missão, pois opta por ser membro de um grupo que se posiciona, se organiza e assume uma postura ativa no mundo e não se conforma em ser simplesmente mais um da massa³⁰.

A organização da Pastoral da Juventude tem como ponto de partida as bases. Cuida de trabalhar em participação e comunhão e cria estruturas de coordenação, de animação e acompanhamento que possibilitem o intercâmbio de experiências nos diferentes níveis da Igreja: grupos ou comunidades, paróquias, áreas pastorais, vicariatos ou decanatos; dioceses, região, país e até continente. Esta comunicação e intercâmbio favorecem um processo dinâmico e uma visão mais ampla e articulada. Sob o ponto de vista da resiliência, se a estrutura não ficar na superficialidade ou na burocracia, ajuda a criar uma rede de apoio social mais abrangente e segura diante das

²⁶ DICK, Hilário. *Cartas a Neotéfilo*. Conversas sobre assessoria para grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005 b, p. 50-3.

²⁷ DICK, 2006 b, p. 75.

²⁸ CELAM, 1997, p. 162-7.

²⁹ DICK, 2006 b, p. 55.

³⁰ DICK, 2006 b, p. 56.

situações adversas. Esta perspectiva de articulação e organização contribui para não cair no individualismo e no isolamento e favorece o respeito pelas diferenças, acreditando na riqueza da complementaridade.

Para sintetizar, pode-se concluir com uma das preocupações do CELAM diante das várias adversidades que afetam a vida da juventude e que vem ao encontro da importância da promoção da resiliência:

É cada vez mais urgente uma ação preventiva, que eduque e promova, evitando que a grande maioria dos jovens chegue a tais situações [negativas]. Requer-se também uma ação em nível de reabilitação e uma intervenção direta nos grupos já afetados, para desenvolver-lhes sua humanidade e sua dignidade³¹.

2 O papel da assessoria na promoção da resiliência

A importância da função do tutor de resiliência dá pistas para analisar a figura do assessor. A Pastoral da Juventude acredita na importância da figura do assessor ou assessora. Pode ser homem ou de uma mulher, jovem ou de mais idade, leigo ou consagrado, religiosa ou um padre, com caminhada dentro da animação dos grupos de jovens e que se dispõe a acompanhar e orientar, assessorando a formação e o crescimento do grupo e dos integrantes individualmente. O assessor é uma figura necessária para os jovens. Como afirma Dick, é uma “presença firme, carinhosa, e desafiante”,³² [...] “uma presença significativa, [...] é alguém que ouve”³³ e, finalmente, [...] “os jovens precisam de presenças, e a ‘presença’ é uma conquista”³⁴. Mas para isso não basta ser uma pessoa que cumpre uma função por obrigação. A proposta da Pastoral da Juventude “exige agentes, não somente capacitados intelectualmente, mas, sobretudo, capazes de compreender a vida e o linguajar dos jovens, e disponíveis a dedicar seu tempo a esta tarefa”³⁵.

Pensando no perfil de um assessor, as publicações da Igreja observam alguns critérios para a escolha. Não basta ser nomeado ou indicado, ou querer trabalhar só por ser alguém de boa vontade, é preciso que seja um cristão de convicção, mas também na prática, que tenha percorrido um processo dentro da assessoria, e esteja consubstanciado

³¹ CELAM, 1997, p. 245.

³² DICK, 2005 b, p. 24.

³³ DICK, 2005 b, p. 35.

³⁴ DICK, 2005 b, p. 37.

³⁵ Congreso Latinoamericano de jóvenes, Punta de Talca, 1998. *Desafío*, n. 19, apud Dick, 2005 b, p. 10.

com o trabalho da Pastoral da Juventude, envolvido, pensando e lutando por ela e pelos seus objetivos. É preciso que o assessor “seja uma presença, [que] esteja aí nos altos e baixos, nos momentos mais e menos decisivos”³⁶.

Na Pastoral da Juventude, a assessoria é um chamado a exercer um ministério eclesial “assumido como opção pessoal, como envio de Igreja e como aceitação (busca, reconhecimento) por parte dos jovens”³⁷. Por isso, o assessor precisa ter uma vida espiritual, exercendo seu papel em uma dimensão mística: como pessoa de fé vive a relação com Deus, com Jesus, com o Espírito Santo no serviço à juventude³⁸.

Daí que o assessor não pode ficar indiferente. Ele “é uma pessoa encarnada na realidade social, com um profundo sentido de pertença a esta realidade. Sente empatia com a realidade, especialmente do jovem. Chora, ri, sofre... É um ator social. [...] Torna-se protagonista na transformação do ambiente em que vive”³⁹. Assim como para ser um verdadeiro tutor de resiliência, o assessor acompanha a cada jovem e ao grupo e aceita-os incondicionalmente, mas não deve admitir qualquer e todo comportamento ou atitude, pois acolher o jovem “não significa concordar com tudo”⁴⁰. Por isso, afirma-se que o ministério da assessoria “exige capacidade de adaptação e discernimento”⁴¹.

O assessor precisa ter em conta algumas aptidões e funções a cultivar. Em primeiro lugar o cuidado da sua própria dimensão pessoal. Também o cultivo das redes sociais de apoio: o acompanhamento pessoal ao jovem, ao grupo, a vinculação e troca de experiências com outros assessores, assim como promover a inserção deles no meio social e eclesial⁴².

O acompanhamento pessoal de cada jovem exige confiança e por isso também o assessor tem uma dimensão ética a cuidar. Trata-se do sigilo e do respeito pelo “foro interno”, pela privacidade do falado quando o jovem confia-lhe um problema pessoal ou algo que pesa na sua consciência. Caso o assessor seja um dos responsáveis pela instituição (universidade, casa religiosa, etc.), o conversado no espaço da orientação pessoal, não será usado para avaliar ou qualificá-lo nas disciplinas de estudo da pessoa, nem contado a outras pessoas da instituição sem o próprio consentimento do jovem.

³⁶ DICK, 2005 b, p. 18.

³⁷ DICK, 2005 b, p. 22.

³⁸ DICK, 2005 b, p. 23.

³⁹ DICK, 2005 b, p. 25.

⁴⁰ DICK, 2005 b, p. 39.

⁴¹ DICK, 2005 b, p. 47.

⁴² DICK, 2005 b, p. 48.

3 Resiliência: espiritualidade, compromisso cristão e projeto de vida

O primeiro questionamento que surge ao abordar o tema da espiritualidade e da religiosidade é se tem sentido pesquisar fé e religião quando, na pós-modernidade, o ser humano parece prescindir de Deus. O segundo questionamento é a pergunta pelo lugar da fé e da espiritualidade como pilar de resiliência e, mais precisamente, na vida dos jovens.

3.1 Resiliência, espiritualidade e juventude pós-moderna

Conforme o censo de 2000, no Brasil há 34 milhões de jovens entre 15 e 29 anos. Numa pesquisa nacional, dentre os cinco valores que os jovens entre 15 e 24 anos consideram mais importantes para uma sociedade ideal, o mais mencionado é “o temor a Deus”⁴³. Analisando o lugar que Deus tem na vida da juventude, em outra pesquisa realizada em São Leopoldo-RS ⁴⁴, 91% dos jovens afirmam que acreditam em Deus, sendo, para 78,8%, Deus muito importante, e só para 2,7% Deus não tem importância na sua vida. A participação dos jovens em grupos de igreja está em primeiro lugar, comparado com outros movimentos e organizações. A maioria diz ter mais religião que seus pais e mais que as mães.

A vivência da espiritualidade⁴⁵ não pode ser identificada necessariamente com as estruturas, doutrinas e práticas religiosas formais. Mesmo que, em geral, a incongruência provoque uma sensação de desconforto, e a congruência, uma sensação de paz e inteireza, nos tempos pós-modernos, facilmente se encontram pessoas que, mesmo considerando-se pertencentes a uma religião, não a praticam ou a praticam formalmente, sem vivenciar um significado espiritual nelas. Walsh afirma que “outros podem negar a religião formal, embora encontrem e expressem a espiritualidade na vida cotidiana”⁴⁶, coincidindo com as observações de Dick, ao sustentar que, para os jovens

⁴³ ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (org.). *Retratos de Juventude Brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, 2005.

⁴⁴ DICK, Hilário (coord.). Discursos à Beira do Rio dos Sinos. A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 4, n. 18, p. 37-8, 2006 a.

⁴⁵ Neste estudo, não se considerarão as diferenças conceituais entre religião, religiosidade, fé religiosa e espiritualidade. Esses termos serão usados em sentido amplo, querendo fazer referência às crenças e vivências em algum ser superior, em uma força divina que influenciam na maneira de encarar a vida e os acontecimentos, identificados ou não com o credo e as práticas de uma ou mais religiões institucionalizadas.

⁴⁶ WALSH, Froma. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005, p. 67.

de São Leopoldo, “fica claro que falar de ‘Deus’ e de ‘religiosidade’ não é o mesmo que falar de ‘religião’. Aceita-se a religiosidade, mas resiste-se ao formalismo da religião”,⁴⁷.

A busca espiritual da juventude atual pode caracterizar-se pela “[...] subjetividade, as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções”⁴⁸. Observa-se que os jovens preferem não se envolver com a igreja. “Trata-se de uma espiritualidade centrada na pessoa e não na instituição e, por isso, busca-se algo que satisfaça suas necessidades”⁴⁹. Um bom número de jovens se inclina atualmente a participar de grupos ligados à Renovação Carismática e outros movimentos de Igreja que também têm uma forte dimensão transcendente, subjetiva e emocional. Alguns deles são criticados pela pouca importância que dão à crítica social e ao engajamento político. Porém, em contrapartida, alguns grupos da Pastoral de Juventude, em reação ou por negligência ou falta de valorização, correm risco de descuidar a dimensão espiritual, simbólica, litúrgica e de fé, mas preocupam-se e engajam-se criticamente numa postura social e política diante do que não corresponde à dignidade humana para todo ser humano.

Seja qual seja o tipo de grupo de pastoral, a fé precisa tocar o coração e ter traços humanos. Podemos observar na juventude alguns traços da modernidade que acentuam a razão, e da pós-modernidade, que dão mais importância às emoções⁵⁰. Como afirmam os Bispos brasileiros, “há de ser apresentada aos jovens como um encontro amoroso com Deus, que toma feições humanas na pessoa de Jesus Cristo”⁵¹.

Pesquisas realizadas com adolescentes mostram a vinculação entre espiritualidade e saúde física e psicológica. Os mais resilientes afirmam que confiam em Deus, que se relacionam pessoalmente com Ele e que a vivência da fé é, para vários, força de sustento que os ajuda a superar as perdas e os desafios⁵². Outros estudos com jovens urbanos sugerem também a importância do apoio da igreja e da fé para favorecer a resiliência (Cook, 2000; Sameroff, 1993) pela vivência comunitária, pela aquisição de

⁴⁷ DICK, Hilário (coord.). Cadernos IHU. Discursos à Beira do Rio dos Sinos. A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 4, n. 18, p. 37-8, 2006 a.

⁴⁸ CNBB, 2006, p. 12.

⁴⁹ CNBB, 2006, p. 14.

⁵⁰ CNBB, 2006, p. 15.

⁵¹ CNBB, 2006, p. 7.

⁵² ASSIS, 2006, p. 105.

conhecimentos e pelas habilidades emocionais, assim como pela orientação e pela ajuda para expressar mais a identidade e para assumir comportamentos positivos⁵³.

Os autores que consideram a contribuição das crenças religiosas afirmam que os fatores promotores de resiliência devem ser fomentados desde criança. Ressaltam a importância da transmissão da fé assim como da educação e da cidadania. É preciso, porém, ter um olhar cauteloso e analisar os frutos de liberdade interior, responsabilidade e flexibilidade, pois, como salienta Vanistendael, a fé religiosa “pode reforçar as pessoas na miséria se ela se torna um sistema rígido que se debruça sobre si própria, justificando-se através de Deus”⁵⁴.

Refletindo sobre intervenções práticas, em relação à contribuição que um grupo de jovens e a comunidade de Igreja oferecem aos integrantes que estão passando por situações traumáticas, quer coletiva, quer individualmente, atendendo às demandas da família como especificamente dos membros por idades, considerando sempre o que seria mais pertinente para cada integrante conforme seu próprio processo, idade e afeição. O grupo da Pastoral da Juventude pode ser de grande suporte para o jovem que sofre. Para fomentar a resiliência também poderia ser pertinente fazer uma leitura da palavra e orações em família, assim como motivar uma conversa em relação ao momento difícil pela qual estão passando. O processo pode acompanhar-se também com a participação nos ritos religiosos ou em outras celebrações da comunidade; assistência a meditações; indicação de leituras pertinentes e especialmente uma escuta ao jovem e um apoio personalizado mediante o acompanhamento dos assessores da pastoral.

Para poder avaliar até que ponto uma religiosidade ou um grupo de Pastoral ajuda, ou não, a resiliência, deveria analisar-se no conjunto das vivências e comportamentos, observando os elementos promotores assim como os que eventualmente atentaram contra a vida, a dignidade ou a ética. Observam-se, também, em alguns grupos de jovens católicos, tendências sectárias. Por exemplo, isolam-se, criticam duramente àqueles que pensam diferente, ou valem-se de metodologias contrárias à liberdade e responsabilidade para impor seus princípios e até alienam as pessoas num conformismo e submissão diante das adversidades pessoais ou sociais (injustiça, pobreza, violência, etc.) que lhes impedem de progredir humanamente. Em

⁵³ ASSIS, 2006, p. 106.

⁵⁴ [...] *peut enforcer les gens dans leur misère si elle devient un système rigide qui se replie sur lui-même, en se justifiant à travers Dieu.* (tradução própria) VANISTENDAEL, 2005, p. 12.

tais casos, não falaríamos em resiliência, pois o processo não estaria crescendo em favor da vida.

3. 2 Resiliência e compromisso social

Analisando resiliência no contexto latino-americano, não se pode pensar somente nas adversidades que atingem intensamente pessoas pontuais em determinado momento da vida. Existe um fator de risco que se agrava cada dia: a situação de pobreza, desigualdade social, desemprego e exclusão social. Visto que atinge cada vez um maior número de pessoas, em especial à juventude, essa situação de injustiça violenta e diária desafia a todos os cidadãos a buscar novas estratégias e programas, assim como novas formas de organizar os sistemas sociais, educativos, de saúde e também a dinâmica das instituições religiosas para superar essa situação injusta e inumana.

O enfoque da resiliência não pretende, simplesmente, ajudar na recuperação das pessoas já afetadas pelas situações de risco e problemáticas sociais; ele também pode levar a lutar pela erradicação das causas e planejar estratégias e ações que contribuam na mudança de estruturas sadias e justas e na promoção da resiliência. A vivência da espiritualidade não poderia ficar desconectada das lutas pelos direitos humanos e na defesa das causas sociais. Pelo contrário, a religiosidade tem que ser defensora da dignidade de todos os seres humanos e da vida. Como afirma Melillo: “Neste marco de dor social exacerbado, a promoção da resiliência se torna uma necessidade e uma obrigação”⁵⁵.

Sabe-se, igualmente, que, em situações extremas, como guerras, ditaduras, campos de concentração, etc., os danificados não têm quase possibilidade de representar ou simbolizar mentalmente o que está acontecendo, pois o marco social leva à alienação. As vítimas podem, contudo, atenuar os efeitos negativos do mal com relação a uma nova intersubjetividade mediante o apoio de outra pessoa e conseguir “retecê-lo seu laço social”. O caminho da “militância” por uma causa (por exemplo, dentro de um movimento social), pode ajudar a “lidar com o trauma sofrido e suportá-lo”. Bastaria que existisse um ponto de apoio para que “a construção do processo resiliente possa

⁵⁵ *En ese marco de dolor social exacerbado, la promoción de la resiliencia se vuelve una necesidad y una obligación.* (tradução própria) MELILLO. In: MELILLO et al., 2004, p. 64.

realizar-se”⁵⁶. Desse modo, pode-se promover a resiliência, fomentando o engajamento com “novas ‘causas’ que podem ajudar a dar um novo sentido à vida, construindo uma visão de longo prazo com esperança no futuro”⁵⁷.

Enfim, as causas sociais assim como as filosofias de vida e as crenças religiosas que unem as pessoas e os jovens numa luta comum, podem constituir um suporte e uma ajuda para descobrir um sentido maior, assim como acrescentar as capacidades para resistir às adversidades e superar o sofrimento. No entanto, a sensibilidade e o engajamento social variam segundo os lugares. “Os estudos transculturais de Suh e Diener (1998) sugerem que, enquanto as culturas individualistas buscam a realização pessoal, parece que, nas mais coletivistas, o indivíduo valoriza menos seu bem-estar psicológico subjetivo e mais o funcionamento harmônico da família, do clã ou da sociedade”⁵⁸.

Não é difícil ouvir a crítica de que quem ajuda pessoas necessitadas não está assumindo a sua própria problemática, mas se defende psicologicamente por meio do mecanismo de reparação. Sem negar que poderia ser verdadeiro em alguns casos, muitas vezes, o fato de encontrar sentido na ajuda a outros, também contribui no próprio processo pessoal de superação de dificuldades. Ambas podem ser compatíveis. Constata-se quantos movimentos sociais ou eclesiais, organizações filantrópicas ou congregações religiosas surgiram por causa de uma experiência traumática na vida dos iniciadores ou fundadores e fundadoras. A organização por eles iniciada surge como expressão de solidariedade com outras pessoas que passam pelo mesmo tipo de dificuldade.

Para quem trabalha com juventude dentro da espiritualidade católica, um claro exemplo é João Bosco, órfão de pai com dois anos, fundador da Obra Salesiana, baseada no lema “ser sinais da paternidade de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres e abandonados”. O serviço generoso e desinteressado ao próximo não é somente “uma consequência, mas também uma fonte de resiliência”⁵⁹. Pode-se escutar também

⁵⁶ [...] *retejer su lazo social [...] militancia [...] la construcción del proceso resiliente puede realizarse* (tradução própria) MELILLO. In: MELILLO et al., 2004, p. 70.

⁵⁷ [...] *nuevas “causas que pueden ayudar a dar un nuevo sentido a la vida, construyendo una visión de largo plazo con esperanza en el futuro* (tradução própria) MELILLO. In: MELILLO et al., 2004, p. 75.

⁵⁸ ASSIS, 2006, p. 89.

⁵⁹ [...] *una consecuencia, sino también una fuente de resiliencia*. VANISTENDAEL, Stefan; LECOMTE, Jacques. Resiliencia y sentido de vida. In: MELILLO et al., 2004, p. 99.

que, ao trabalhar na promoção da resiliência, os profissionais e colaboradores tornam-se mais resilientes⁶⁰.

3.3 O sentido da adversidade, resiliência e projeto de vida

Em pesquisas com adolescentes brasileiros de periferia, Assis constatou que os mais resilientes conseguem encontrar uma significação diante das adversidades, ajudados pelo apoio, o incentivo e o carinho de familiares e amigos. Assim também os menos resilientes têm maiores dificuldades para “elaborar e atribuir sentido mais produtivo às adversidades”⁶¹.

Num contexto de pobreza, desemprego, violência, corrupção e pressões, encontram-se jovens que conseguem vencer dificuldades com aparente sucesso, porém o preço é compactuar com situações prejudiciais para outros (por exemplo, corrupção, tráfico). Por isso, vale reiterar que “a ética é ativa no coração da resiliência”⁶² e que devem ser pensadas formas de superação que respeitem o próximo e o bem comum.

Cabe, por isso, a pergunta pelos aspectos conscientes e pela influência das decisões, escolhas e atos realizados após os acontecimentos traumáticos assim como diante das possibilidades de escolhas no dia-a-dia no desenvolvimento das atitudes resilientes. Mesmo se as pessoas estão condicionadas pelos limites da genética e da biologia, alguns autores como Bouvier⁶³ afirmam que há um alto grau de liberdade e criatividade, pois a resiliência leva além do determinismo. “Os novos estudos sugerem que até a criança tem um papel ativo (e provavelmente voluntário) no seu desenvolvimento e na construção da resiliência”⁶⁴.

O sentido que cada jovem dá a sua vida tem a ver com desejos, ideais e valores que ele programa realizar ao longo da vida e que motivam a escolha de um projeto de vida. É claro observar como o contato com situações dolorosas mexe com as buscas, os objetivos, os ideais, os planos e o sentido da vida e das coisas. E são momentos especiais de ressignificação do projeto de vida, às vezes até de novos rumos e orientações. Um importante desafio para quem trabalha na Pastoral da Juventude será,

⁶⁰ GRUNSPUM, 2005, dedicatória.

⁶¹ ASSIS, 2006, p. 58-9.

⁶² [...] *l' éthique est active au coeur de la résilience* (tradução própria) VANISTENDAEL, 2005, p.11.

⁶³ BOUVIER, Paul é pediatra e diretor do *Service de santé de la jeunesse et Institut de médecine sociale et préventive*, em Genebra.

⁶⁴ [...] *los nuevos estudios [...] sugieren que el niño tiene un papel activo (y probablemente voluntario) en su desarrollo y en la construcción de la resiliencia.* (tradução própria) BOUVIER, Paul. Temperamento, riesgo y resiliencia en el niño. In: MANCIAUX, 2003, p. 72-3.

então, ver como ajudar os jovens a encontrar um sentido de vida, como descobrir novos significados especialmente diante das dificuldades pessoais e coletivas, como afrontar os sofrimentos e adversidades com espírito cristão, lutando positivamente na busca de saídas, respostas, numa perspectiva realista e esperançosa de superação.

Um instrumento-chave da proposta da Pastoral da Juventude é a elaboração do Projeto de Vida. Segundo Dick, o projeto de vida também ajuda a enfrentar as situações dolorosas⁶⁵. Cada jovem é convidado a pensar, rezar e escrever seu projeto, que o ajudará a fazer um balanço da vida e especialmente elaborar planos para o futuro. Como afirma Suárez Ojeda, uma das formas de promover a resiliência na juventude é pela elaboração do projeto de vida⁶⁶.

O projeto consta de vários passos que devem ser analisados por escrito e que contribuem para que o jovem possa decidir e escolher como encarar o seu próprio projeto durante esse ano. Ao longo dos meses, o projeto de vida vai-se ajustando, repensando, refazendo, reorientando tanto com base em experiências negativas quanto positivas de vida. As novas situações e desafios são contemplados na avaliação, assim como os reajustes, melhoras ou novas orientações e significados. No, entanto, é importante que o projeto de vida possa ser avaliado e ajustado tanto quanto necessário.

Conclusão

Como afirma José Tavares, é desafio das instituições e organizações de formação, diante das duras situações pelas quais passam os jovens, os grupos submetidos a altos riscos, alto nível de desestruturação e estresse, promover atividades e experiências que ajudem a enfrentar as duras situações do dia-a-dia⁶⁷. Tendo analisado as opções pedagógico-teológicas fundamentais da Pastoral da Juventude Latino-americana Católica, especialmente no Brasil, podem observar-se vários aspectos propostos que coincidem com o que os pesquisadores sugerem para a promoção da resiliência. Em primeiro lugar, a opção pela criação de grupos, assim como a dinâmica de comunhão e participação, ajudam num dos pilares da resiliência: a rede de apoio social. Em segundo lugar, podem destacar-se características que o grupo de pastoral

⁶⁵ DICK, 2005 b, p. 65.

⁶⁶ SUÁREZ OJEDA, Elbio Nestor. Palestra não publicada, proferida na Unisinos, São Leopoldo, 19-10-06.

⁶⁷ TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In. TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 43.

tenta favorecer e que correspondem aos fatores promotores de resiliência: o conhecimento de si mesmo, motivando a auto-estima, a construção da própria identidade, junto a responsabilidade pessoal e o compromisso social e político, e o sentimento de pertença. Outro elemento significativo é o protagonismo. Tanto para a superação das adversidades quanto para o próprio crescimento como pessoa e como cidadão comprometido, a Pastoral de Juventude fomenta o papel ativo de jovem, incentiva-o a ser ator social e a desenvolver sua autonomia. Por meio da metodologia do ver, julgar, agir, revisar e celebrar, o jovem cristão é motivado a desenvolver suas capacidades intelectuais, aprendendo a fazer análise de conjuntura, sendo crítico com a realidade e comprometendo-se no desenvolvimento dos valores assim como na luta contra os antivalores.

Tanto a Pastoral de Juventude quanto a ótica da resiliência propõem uma caminhada em processo, com metas claras, elevadas e possíveis, conforme as pessoas, os grupos e as circunstâncias. Em relação à figura do assessor, destaca-se a sua importância, pois, do ponto de vista pedagógico-teológico, os assessores são imprescindíveis na caminhada da juventude, tanto pela necessidade dos jovens de receberem uma formação, quanto pelo fato de ser uma presença especial na caminhada do jovem. Ele pode ser naturalmente um tutor de resiliência, uma companhia que acolhe incondicionalmente o jovem e o aceita como ele é, porém é capaz de não concordar quando e, erra no caminho. Um desafio que preocupa, porém, é que nem sempre os assessores assumem a sua função por opção e vocação. Hoje, em vários lugares, há falta de assessores e assessoras; outras vezes a assessoria não é encarada como uma missão, enfraquecendo o trabalho da Pastoral de Juventude.

Conforme as pesquisas, a espiritualidade ainda é uma preocupação da juventude, pois para a maioria deles, Deus é importante nas suas vidas. Essa observação leva a cuidar para que, nos grupos da Pastoral de Juventude, não se deixe de lado a mística, a vida espiritual, a dimensão simbólica, litúrgica e celebrativa da fé. Os estudos mostram que, diante da adversidade tanto pessoal quanto social, a fé em Deus é fonte de cura, de saúde e de fortaleza para os jovens.

Finalmente se conclui que tanto para a Pastoral de Juventude quanto para os pesquisadores de resiliência, a construção que cada jovem faz do seu próprio projeto de vida é um instrumento favorável para o fortalecimento e a superação das adversidades. Por tudo isso, pode inferir-se que o paradigma da resiliência traz questionamentos,

perspectivas e contribuições propícias e interessantes para repensar sob essa nova ótica o trabalho com os jovens e mais precisamente na Pastoral de Juventude.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos de Juventude Brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, 2005.
2. AMAR AMAR, José Juan; KOTLIANRENKO M.A.; ABELLO LLANOS, R. Factores Psicosociales asociados con la Resiliencia en niños colombianos víctimas de violencia intrafamiliar. In: *Investigación y desarrollo*. [S.I.]: [s.n.], 2003, v. 11, n. 1, p. 162-97.
3. ANTUNES, Celso. *Resiliência*. A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
4. ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência*. Enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
5. BOWLBY, John. *Apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. v. 1. (Col. Apego e perda)
6. _____. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
7. _____. *Perda: Tristeza e depressão*. 3. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1985. v. 3. (Col. Apego e perda).
8. CELAM. *Civilização do amor: tarefa e esperança*. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana. São Paulo: Paulinas, 1997.
9. CNBB, 44ª Assembléia Geral. *Evangelização da juventude*. Desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006.
10. CYRULNIK, Boris. *El amor que nos cura*. Barcelona: Gedisa, 2005. (Col. Psicología/Resiliencia)
11. _____. *Resiliência*. Essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: I. Piaget, 2003.
12. CYRULNIK, Boris et al. *El realismo de la esperanza*. Testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia. Barcelona: Gedisa, 2004. (Col. Psicología/Resiliencia)
13. DELL' AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Ângela Matrar. (org.) *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.
14. DICK, Hilário (coord.). Às margens juvenis de São Leopoldo. Dados para entender o fenômeno juvenil na região. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 3, n. 11, 2005 a.
15. _____. Discursos à beira do Rio dos Sinos. A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 4, n. 18, 2006 a.
16. DICK, Hilário. *Cartas a Neotéfilo*. Conversas sobre assessoria para grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005 b.
17. _____. *O divino no jovem*. Elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude / Rede Brasileira de Centros e institutos de Juventude, 2006 b.
18. FRANKL, Viktor E. *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Herder, 1981.
19. GONZALEZ REGADAS, Eliseo Miguel (comp.). *Prevención y procesos colectivos*. Montevideo: FUCOT (Federación de Comunidades Terapéuticas), 2001.

20. GRUNSPUN, Haim. *Criando filhos vitoriosos: Quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005.
21. HORNEY, Karen. *Conhece-se a si mesmo*. 11. ed. São Paulo: DIFEL, 1984.
22. HENDERSON, Nan; MILSTEIN, Mike M. *Resiliencia en la escuela*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
23. JACOB, César Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.
24. JUAN PABLO II. *Salvifici Doloris: Carta Apostólica del Sumo Pontífice Juan Pablo II sobre el sentido cristiano del sufrimiento humano*. Montevideo: Paulinas, 1984.
25. LIBANIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade. Considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
26. MANCIAUX, Michel (comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003.
27. MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ Daniel (comp.). *Resiliencia y subjetividad. Los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004.
28. MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor et al. (org.). *Resiliência. Descobrimo as próprias fortalezas*. São Paulo: Artmed, 2005.
29. MUNIST, Mabel et al. *Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes*. Buenos Aires: Organización Mundial de la Salud, 1998.
30. RELATORIA DEL SEMINARIO-TALLER. *La resiliencia como un aporte a intervenciones sustentables*. Fundación Bernard Van Leer. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina; Universidad Nacional de Lanús. Col. Salud Comunitaria. Serie Resiliencia, 2001.
31. RODRÍGUEZ ARENAS, María Stella. *Resiliencia: otra manera de ver la adversidad. Alternativa pedagógica para la atención de niños y niñas en situación de desplazamiento*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2006.
32. SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE APLICACIÓN. *Concepto de resiliencia en proyectos sociales*, Fundación Bernard Van Leer. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina; Universidad Nacional de Lanús. Col. Salud Comunitaria. Serie Resiliencia, 1997.
33. SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; MUNIST, Mabel; RODRIGUEZ, Daniel. *Seminario Internacional sobre aplicación del concepto de Resiliencia en proyectos sociales*. Buenos Aires: UNLa, 2004.
34. TAVARES, José (org.). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
35. TEIXEIRA, Carmen Lúcia (org.). *Passos na travessia da fé. Metodologia e mística na formação integral da Juventude*. Goiânia, CAJU, 2000.
36. VANISTENDAEL, Stefan; LECOMTE, Jacques. *La felicidad es posible. Despertar en niños maltratados la confianza en sí mismos: construir la resiliencia*. Barcelona: Gedisa, 2002.
37. VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los percances. Resiliencia: capitalizar las fuerzas del individuo*. Ginebra: BICE, 1995.
38. _____. La resiliencia en los niños. *La infancia en el mundo*. Familia y resiliencia en el niño. Montevideo: BICE, v. 5, n. 3, p. 1-55, 1994.
39. _____. La résilience et les surprises de Dieu. *Choisir: Revue culturelle jésuite fondée en 1959*. Genève (décembre 2005) n. 522, p. 11-5.
40. _____. *Resiliencia y Espiritualidad. El realismo de la fe*. Ginebra: BICE, 2003.
41. WALSH, Froma. *Fortaleciendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

42. WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
43. _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Col. Psicologia e Pedagogia).
44. _____. *O Brindar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975 (Col. Psicologia Psicanalítica).